

A IMPORTÂNCIA DO PROTAGONISMO DE ARTISTAS NEGROS NA TELEVISÃO – UM ESTUDO SOBRE O PROGRAMA “MISTER BRAU”

Ludmila Nogueira Ferreira¹

Resumo: Este artigo visa expressar, através do estudo de um programa de televisão denominado “Mister Brau”, relevância da representatividade e protagonismo negro na televisão brasileira. Apresentando uma linearidade temporal para explicar o desenvolvimento do papel do negro na televisão, seja através de filmes e novelas ou comerciais, é possível observar questões cujos desdobramentos foram responsáveis por desenvolver uma melhoria nas formas de representação sociocultural brasileira. O programa “Mister Brau” que está no ar há três anos, apresenta uma narrativa que dialoga com a representação negra que vai para além dos estereótipos pré-estabelecidos por uma sociedade que se desenvolveu a partir de uma hegemonia branca europeia, que atribui estigmas e estabelece pré-conceitos sobre aqueles que divergem do que é considerado padrão. Em um país de proporções continentais como o Brasil e onde mais da metade da população é constituída por negros, a representatividade é definitivamente de grande importância. Analisando brevemente o histórico dos protagonistas, pontos importantes abordados no programa e o momento em que a atração se estabelece, buscamos apresentar razões pelas quais a existência de uma atração protagonizada por negros é essencial em pleno século 21.

Palavras-chave: Representação Negra, Televisão, Estereótipos, Mister Brau.

A representatividade tem sido um assunto amplamente abordado nos últimos anos, nos mais diversos grupos sociais e raciais. Temos observado a luta de muitos para que a supremacia instaurada há séculos por homens brancos seja desconstruída e abra espaço para a variedade de representações sociais, raciais e culturais existentes no mundo. Os negros, que ao redor do mundo possuem um histórico de preconceito e marginalização devido acontecimentos históricos, como a escravidão e a colonização feita por supremacias brancas, são exemplos a serem estudados. O caso em particular que será abordado nesse artigo é o do programa de televisão “Mister Brau”, que vai ao ar pela emissora Rede Globo de Televisão. O programa que surgiu em 2015, e já está em sua terceira temporada, é protagonizado por dois atores negros, Taís Araújo e Lázaro Ramos, que são muito reconhecidos no meio midiático nacional. O objetivo aqui é que busquemos compreender a evolução da mídia televisiva em questões de representação de artistas negros ao longo dos anos e como um programa protagonizado por negros e que foge à estigmatização racial é importante no século 21. Autores como João Freire

¹ Graduada em Produção Cultural pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. ludmila.nogueirafferreira@gmail.com

Filho, Acevero e Nohara, Stam e Shohat foram utilizados como base para o desenvolvimento de algumas questões que permeiam o assunto abordado.

A representação dos negros na televisão e os estereótipos

A questão de representação dos negros na televisão advém de uma herança cinematográfica, que infelizmente era baseada em estereótipos que rapidamente foram adotados por muitas produções, entre elas a literária e a de marketing. Alguns dos estereótipos desenvolvidos no meio cinematográfico para os negros foram os de negros malandros e agressivos, negras desempenhando a função de criadas/empregadas responsáveis pelos cuidados com a família a quem servia, além de apresentar os negros como figuras de nível social inferior aos brancos, raramente representando-os como pessoas que possuem estudo ou grandes cargos reconhecidos perante a sociedade². No Brasil não foi muito diferente, as representações de negros e negras foram por anos baseadas nesses estereótipos. É preciso também ressaltar que por muito tempo acreditou-se que não havia atores e atrizes competentes para interpretar papéis de negros na televisão. Em 1969, na novela “A Cabana do Pai Tomás”, o ator Sérgio Cardoso utilizava a técnica de *blackface* para interpretar um líder negro que lutava pela liberdade dos negros durante a Guerra de Secessão. O caso teve grande repercussão e gerou movimentos de repúdio por tal ação, uma vez que havia artistas negros aptos a exercer o papel de Pai Tomás. Os anos e as produções consecutivas foram marcados por papéis estereotipados, como novelas em que os negros interpretavam escravos, empregados, pessoas de caráter duvidoso ou de classes sociais baixas. Em um artigo João Freire Filho (2005) fala sobre a representação das minorias na mídia e ele explica que o significado do verbo “representar” sofreu mudanças de significado ao longo dos anos e que

“na concepção moderna e liberal do processo democrático, a ideia de representação está associada à delegação de poderes, por meio de votos, a um conjunto proporcionalmente reduzido de indivíduos, na expectativa de que os eleitos articulem e defendam pontos de vista e interesses dos eleitores. De forma análoga, o termo designa, também, o uso dos variados sistemas significantes disponíveis (textos, imagens, sons) para “falar por” ou “falar sobre” categorias ou grupos sociais, no campo de batalha simbólico das artes e das indústrias da cultura” (*ibidem*, p. 18)

A maneira de representar os negros na TV sofreu algumas mudanças durante o século XX, mas não de maneira radical. O negro ganhou espaço para interpretar

² Ver mais em: STAM, Robert; SHOHAT, Ella. Estereótipo, Realismo e Representação social. Revista imagens, Unicamp, n. 5, p. 71-84, 1995

personagens cujos formatos eram diferentes daqueles que os estereótipos englobavam, porém estes geralmente não possuíam papéis de destaque nas tramas ou comerciais, permanecendo sempre como uma atuação secundária ou de apoio. Apesar de algumas mudanças, a forma como os negros eram vistos não mudou tanto e a identificação não foi estabelecida. Muitos negros não se viam naqueles papéis ou não gostavam de como eram representados, pois geralmente observava-se um estigma em relação ao estilo de vida dos negros, relacionando a eles personagens ou produtos que provavelmente não se relacionariam a um branco. A observação de Acevedo e Nohara (2008 apud Domingues, 2002; Pinto, 1987) de que os negros não possuem tanta autonomia e/ou realizam atividades passivas em relação aos brancos no que tange a atuação em comerciais, apenas corrobora para a constatação de que algumas formas de representação causam desconforto e mal estar àqueles a quem se propõe a representação.

Foi necessário que muitos artistas negros lutassem para que seus papéis e personagens ganhassem destaque, entre eles Ruth de Souza, Léa Garcia, Zezé Motta, Milton Gonçalves, Antônio Pompêo, Gésio Amadeo e Antônio Pitanga³. Tais artistas passaram por grandes dificuldades e preconceitos raciais por interpretarem personagens que se relacionavam com brancos em um grau maior de intimidade ou que davam de alguma forma um status de poder aos negros. A aceitação do público não foi imediata e ainda trouxe à tona o racismo enraizado na sociedade brasileira, que considerava anormais situações nas quais negros se relacionassem abertamente com brancos ou que possuíssem cargos de chefia e ascensão social. Em uma sociedade na qual os negros foram subjugados e escravizados por séculos, sofreram e sofrem com marginalização, representações que ameassem a hegemonia de poder que foi construída e pré-estabelecida desde os períodos da colonização eram uma afronta. A busca por direitos iguais e melhores formas de representação na mídia foi impulsionada por ativistas negros, que “ratificaram o caráter estratégico da representação nas diversas instâncias e instituições culturais (materiais didáticos, currículos escolares, meios de comunicação de massa) que afetam o modo como nos vemos e somos vistos e tratados pelos outros” (FREIRE FILHO, 2005, p. 20).

³ Tais artistas atuaram, respectivamente, em algumas teledramaturgias, como: “A Cabana do Pai Tomás”, “Anjo Mau”, “Corpo a Corpo”, “Roque Santeiro”, “Mulheres de Areia”, “Sinhá Moça”, “Jerônimo, o Herói do Sertão”.

“Mister Brau” – A importância do protagonismo negro e da abordagem de temas sociais

O programa que foi ao ar em 2015, já se iniciou desconstruindo estereótipos. Os personagens Brau e Michele, interpretados respectivamente por Lázaro Ramos e Taís Araújo, são artistas nacionalmente reconhecidos pela música, uma vez que a canção do protagonista é uma das mais ouvidas nas paradas de sucesso e que ambos alcançaram fama e ascensão social, resolveram comprar um imóvel em um espaço residencial considerado de luxo. Por serem negros, em um primeiro momento os personagens são confundidos por seus vizinhos com invasores. Depois de desfeita a confusão, os vizinhos e demais personagens notam que o casal tem um grande poder aquisitivo, além de reconhecimento social. A ideia do programa é correlacionar os personagens a grandes casais e figuras negras reconhecidas internacionalmente, como Barack e Michele Obama e Jay-Z e Beyoncé. Diferente do que nos acostumamos a ver na televisão brasileira, esse é o primeiro programa no qual a emissora Rede Globo tem dois negros como protagonistas e estes são o oposto dos estereótipos que a própria já representou tantas vezes em novelas, minisséries, programas e filmes.

Assim como seus personagens, Taís e Lázaro, que são casados também na vida real, alcançaram o sucesso no meio artístico com muito esforço e muito trabalho, além de serem grandes figuras envolvidas com projetos sociais. Os atores já tiveram que interpretar papéis estereotipados ou já foram "embranquecidos" para terem maior aceitação frente ao público, mas o fato é que a escolha desse casal para dar vida a Brau foi certo. Para compreendermos melhor a trajetória dos dois artistas, será feita uma linha evolutiva sobre seus principais papéis para a televisão. A atriz, que já teve a oportunidade de interpretar diversos personagens, viu sua carreira deslanchar após dar vida a “Xica da Silva” em um *remake* feito para a TV. Foi protagonista em outras novelas e foi a primeira negra a interpretar o tão conhecido papel de Helena do autor Manoel Carlos. Em uma de suas últimas novelas, interpretou uma empregada doméstica que lutava pelos direitos dessa classe trabalhadora e alcançou ascensão social através do trio musical “Empreguetes” (título homônimo ao da novela). Nos últimos anos Taís Araújo se tornou uma das referências femininas das mulheres negras, por lutar por seu espaço como mulher e pela igualdade de direitos de desempenhar bons papéis. No ano de 2017 a atriz passou a fazer parte do corpo do programa “Saia Justa”, exibido em canal fechado pela GNT. Este aborda temas que envolvem o universo feminino ou como ele deveria ser sem as relações pré-estabelecidas pela sociedade para as mulheres.

Diferente de Taís, o ator Lázaro Ramos surgiu primeiro nos palcos dos teatros e somente depois de alguns anos despontou na televisão. Um dos seus destaques na TV foi o programa “Sexo Frágil”, onde interpretava uma mulher na companhia de outros atores. A suas participações em grandes filmes nacionais o levaram a ganhar papéis em novelas, como o camêlo Foguinho, de “Cobras & Lagartos”. O ator já participou algumas novelas, sendo a última delas “Geração Brasil”, na qual interpretava um tipo de médium formado em Física Quântica e pertencente a uma família abastada e socialmente desconstruída. O artista tem se destacado enquanto apresentador e produtor teatral, tendo nesta área indicações a prêmios. A empatia associada a ele se dá exatamente por sua trajetória artística, o concedendo a boa receptividade e a admiração não apenas do grande público. Atualmente em seu programa “Espelho”, para o canal fechado Canal Brasil, o ator entrevista personalidades da cena artística e investiga assuntos que permeiam o cotidiano do país, sempre valorizando a cultura negra⁴.

O fato de duas figuras públicas negras estarem envolvidas em programa que, de certa forma, rompe com o senso comum e que agrega valor social e cultural ao cotidiano da população é de grande importância para a história da televisão. O programa estabeleceu uma escala crescente a cada temporada, introduzindo aos poucos assuntos e questionamentos que circundam a rotina do cidadão brasileiro, como a independência e a força feminina, o racismo, questões sociais, sexualidade etc. Abordados dentro do contexto do programa, tais questionamentos são apresentados de maneira a simular situações que podem ocorrer com os telespectadores. Um dos exemplos do programa é o fato de por muitas vezes os vizinhos, um casal de advogados brancos, se incomodarem com o estilo de vida dos Brau, despertando o desejo da vizinha e síndica do condomínio luxuoso de expulsá-los a qualquer custo. Além disso, o sucesso e independência de uma mulher negra, Michele Brau, causa inveja e desconforto na vizinha Andreia (Fernanda Freitas). Em um de seus artigos a pesquisadora Djamila Ribeiro⁵ declara que uma mulher negra com poder incomoda muita gente, pois tão logo as pessoas se dão conta disso, os ataques têm início.

O foco central deste artigo é observar que o programa “Mister Brau” ainda é uma exceção, porque a televisão brasileira ainda é majoritariamente formada por

⁴ Sinopse retirada do site do canal: <<http://canalbrasil.globo.com/programas/espelho/>> Acesso em 13 de maio de 2017.

⁵ Pesquisadora na área de Filosofia política e feminista. Para maiores informações sobre o artigo acessar o link: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista/uma-mulher-negra-no-poder-incomoda-muita-gente-8429.html>> Acesso em 13 de maio de 2017.

atrações que protagonizam pessoas brancas. A importância do programa, apesar de possuir altos e baixos como qualquer atração televisiva, é a de resistência e de valorização representativa. Em um país cujo percentual de população negra é igual a 54%, ou seja, um pouco mais da metade do total da população⁶, o nível de representação ainda é muito baixo. Porém é preciso destacar que o Brasil, assim como restante do mundo, vem voltando sua atenção para a questão representativa dos mais diversos nichos culturais e sociais. A evolução tecnológica e informacional que continua avançando dia após dia no século 21, possibilita que as discussões e interações sejam praticadas a qualquer momento e sem limites de distância. Para acompanhar o ritmo intenso desses avanços, a televisão precisou se adaptar a mudanças e renovar as formas de representação audiovisuais. A televisão precisou valorizar diferenças, individualidades e minorias (MACHADO, 2000, p, 25) para não perder espaço entre o público, por isso diretores e roteiristas como Jorge Furtado passaram a desenvolver atrações como “Mister Brau”. O cineasta e roteirista que já produziu ou dirigiu filmes, séries e programas que englobam a questão de representatividade, entre os quais “Ó pai, ó”, “Doce de Mãe” e “Clandestinos”, é um dos responsáveis pelo sucesso do programa destacado nesse artigo.

A atual conjuntura político-social mundial, na qual observa-se um retrocesso em determinadas áreas, por exemplo direitos sociais, cujo avanço se deu passo-a-passo e com muita luta, é preciso trazer a tona questionamento de qual é objetivo ou interesse midiático de uma emissora em produzir e exibir um programa que quebra muitos dos paradigmas quem vêm sendo restabelecidos em uma sociedade que se torna cada dia mais intolerante. Apesar de levantar esse questionamento, este artigo não visa aprofundá-lo, mas sim trazer a luz um possível desdobramento da correlação entre a importância da representatividade de um programa como “Mister Brau” e a utilização da mesma para estabelecer uma relação com telespectadores e consumidores. A produção audiovisual normalmente possibilita tratar de assuntos diversos e quanto a isso Machado (2000) aponta

“A riqueza e a diversidade dos gêneros discursivos são ilimitadas, porque as possibilidades de atividade humana são também inesgotáveis e porque cada esfera de atividade contém um repertório inteiro de gêneros discursivos que se diferenciam e se ampliam na mesma proporção que cada esfera particular se desenvolve e se torna cada vez mais complexa” (MACHADO, 2000 apud BAKHTIN, 1986)

⁶ Dados dos IBGE referentes ao ano de 2015: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/ibge-negros-sao-17-dos-mais-ricos-e-tres-quartos-da-populacao-mais-pobre>> Acesso em 13 de maio de 2017.

Partindo desse princípio é possível retomar brevemente uma questão apontada anteriormente, não destacamos a evolução do programa temporada a temporada. Devido às ilimitadas possibilidades do audiovisual de trabalhar assuntos diversos, a terceira temporada de “Mister Brau” trata de assuntos como adoção, maternidade, *bullying* e, de uma forma metalinguística, do protagonismo negro na televisão, uma vez que os personagens principais apresentam um programa de auditório que ocorre dentro um programa protagonizado por negros. A adoção, que já havia sido introduzida no fim da segunda temporada, se desenvolve quando os protagonistas acolhem três crianças negras órfãs e posteriormente as adotam. Em um único episódio, o programa conseguiu reunir as discussões sobre a adoção, maternidade e *bullying*, mostrando como essas situações podem ser encaradas pela sociedade. Nesse ponto é possível destacar mais um dos motivos pelos quais um programa como esse é de grande importância, pois em um país como o Brasil, todas as questões apresentadas possuem dificuldades no modo de abordagem. A atração apresenta três irmãos negros e em idades que diferentes, unindo em uma única abordagem uma adoção que foge do padrão, uma vez que crianças crescidas, negras e com vínculo familiar dificilmente são adotadas. Sem falar na maternidade que é encarada por muitas como incompleta, pois não há uma conexão biológica. Já o *bullying* é tratado fugindo das questões sociais e raciais, envolvendo na verdade uma questão afetiva e de superproteção parental; a maneira como o programa encontra de apresentar uma defesa feita pela vítima também é diferente, mostrando a possibilidade de estabelecer um diálogo de forma criativa.

Em um dos episódios da terceira temporada, que foi exibido no dia 23 de maio de 2017, a mensagem passada pelo programa era de combate ao preconceito e ao racismo. Os personagens da série, que conquistaram um status social elevado como já foi dito anteriormente, realizam a experiência de se disfarçar para voltar a frequentar lugares que já não fazem mais parte do seu cotidiano, como mercados ou a utilização de transportes públicos. Ao realizar essa experiência, os personagens se dão conta de que sem o reconhecimento social de Brau e Michele, os dois são tratados como muitos negros são, ou seja, de maneira preconceituosa. Eles foram revistados na saída de um supermercado em detrimento de um cliente branco que acabara de sair do espaço junto com eles. Após uma breve discussão com o segurança, ambos questionam o porquê de apenas os dois serem revistados e acabam revelando seu disfarce para que nada pior aconteça, e também para demonstrar como o tratamento é diferente quando utilizam suas verdadeiras identidades. A ideia para qual gostaria de dar atenção é a de que

diariamente isso ocorre ao redor do mundo, a associação de nível social à cor da pele faz o preconceito racial ser ainda pior. Como cidadãos presenciamos essa realidade diariamente em conflitos relacionados à segurança, onde negros são os maiores alvos. Infelizmente a cor da pele é automaticamente associada a marginalidade e se torna um símbolo interpretado erroneamente em grande parte das vezes. A abordagem e o tratamento entre negros e brancos evoluiu ao longo das recentes décadas, porém não tanto quanto necessário, não a ponto de não ser necessária uma representação midiática contendo personagens que cresceram social e culturalmente para que os negros possam ser vistos de maneira diferente.

Ao tratar de uma temática tão atual quanto a de representatividade no meio midiático, correlacionando à questão da importância do protagonismo de artistas negros, a ideia foi apresentar motivos pelos quais uma atração como “Mister Brau” tornou-se uma referência para tal no meio televisivo. Além de apresentar artistas negros que seguem no sentido contrário ao estabelecido pelos estereótipos, o programa introduz questões importantes e que fazem críticas pontuais a sociedade em que vivemos. O programa “Mister Brau” é um marco na televisão brasileira e esperamos que seja um exemplo e uma inspiração para que muitos outros possam surgir de agora em diante.

Referências Bibliográficas

ACEVEDO, Cláudia Rosa; NOHARA, Jouliana Jordan. Interpretações sobre Retratos dos Afro-descendentes na Mídia de Massa. RAC, Curitiba, p. 119-146, Edição Especial 2008.

FREIRE FILHO, João. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. Revista Famecos, Porto alegre, n. 28, p. 18-29, dez. 2005.

MACHADO, Arlindo. A televisão levada a sério. 3ª ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

STAM, Robert; SHOHAT, Ella. Estereótipo, Realismo e Representação social. Revista Imagens, Unicamp, n. 5, p. 71-84, agosto/dezembro 1995.